

## CubaJazz

Rogério da Costa Santos<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-6807-4263

Luiz Augusto de Paula Souza<sup>2</sup>  
ORCID: 0000-0003-4968-9753

**Resumo:** O jazz tem sido, historicamente, um gênero com inclinações para a mistura, hibridação e invenção de sentidos e de cultura. Cuba passou e continua passando por um momento intenso com a revelação de muitos jovens músicos talentosos. *CubaJazz* é um documentário sobre a capacidade criativa do jazz e da vida como invenção em Cuba. Uma visão da ilha abrindo-se ao mundo. A arte que constitui uma ação micropolítica.

81

**Palavras-Chave:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Cinema Latino-americano. Inteligência Coletiva, Micropolítica

---

<sup>1</sup> Rogério da Costa Santos é Doutor em História da Filosofia, Paris IV - Sorbonne; Vice-Coordenador PPG Comunicação e Semiótica PUC-SP. E-mail: rogcosta@pucsp.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983570722211746>

<sup>2</sup> Luiz Augusto de Paula Souza é Doutor em Psicologia Clínica e professor titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP. E-mail: tutopaulasouza@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9795645966787486>

**Abstract:** Jazz has historically been a genre with inclinations towards mixing, hybridizing and inventing meanings and culture. Cuba has gone through and continues to go through an intense moment with the revelation of many talented young musicians. CubaJazz is a documentary about the creative capacity of Jazz and life as an invention in Cuba. A vision of the island opening up to the world. Art that constitutes a micropolitical action.

82

---

**Keywords:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Latin American Cinema. Collective Intelligence. Micropolitics

**Resumen:** El jazz ha sido históricamente un género con inclinaciones a mezclar, hibridar e inventar significados y cultura. Cuba ha pasado y sigue pasando por un momento intenso con la revelación de muchos talentos jóvenes músicos. CubaJazz es un documental sobre la capacidad creativa del Jazz y la vida como invención en Cuba. Una visión de la isla abriéndose al mundo. Arte que constituye una acción micropolítica.

**Palabras clave:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Cine Latinoamericano. Inteligencia Colectiva. Micropolítica

## Introdução

Fazer arte é uma travessia de autoconhecimento por meio de algo que se desconhece, parcialmente ou por inteiro. Cinema, como uma arte audiovisual, pede o mesmo tipo de entrega exigida por todas as outras artes, aquilo que é comumente chamado de “salto no abismo”, no sentido do risco, da abertura ao que puder vir, ao acaso, ao desconhecido.

Nesse sentido, *CubaJazz* é cinema na mais completa acepção da palavra. Um país envolto em um ideal, mas cerceado por um embargo econômico cruel. Um estilo musical baseado no improviso, que por si só representa a ideia da liberdade. Ambos os elementos se encontram num abraço dos mais potentes e fascinantes, um mergulho sensorial pela criatividade artística de uma geração em um país marcado pela música e pela alegria.

“Não um filme sobre jazz, mas um filme por meio do jazz”. Assim é definido *CubaJazz* por um de seus diretores, Max Alvim. Pode parecer estranha a definição quando o nome do filme dá a entender que veremos justamente um documentário sobre o jazz. Mas é isso mesmo. Não se trata somente do jazz feito em Cuba (“não é latinjazz, é jazz cubano”, diz um dos músicos), mas de se entender a vida em Cuba, os modos de trabalho, as relações entre as pessoas, os medos e desejos que carregam, em suma: como é viver em Cuba neste momento, após mais de 50 anos de embargo econômico e às portas de uma nova configuração do país no comércio mundial.

O que não quer dizer que inexistente música em *CubaJazz*. Os números musicais são abundantes e fascinantes para quem gosta de jazz ou – por que não? – de música em geral. Pois o que ouvimos durante todo o filme é grande música, interpretada por músicos de primeira: as cantoras Daymé Arocena e Zule Guerra, a baterista Yissy García, os guitarristas Jorge Chicoy e Hector Quintana, os pianistas Jorge Luís Pacheco, Roberto Carcassés e Harold López-Nussa, os trompetistas Yasek Manzano e Mayquel González, os saxofonistas César López e Carlos Miyares, os baixistas Gastón Joya e Jorge Reyes, os bateristas Oliver Valdés, Ruly Herrera, Girardo Piloto, Ruy López-Nussa, Ruy Adrian López-Nussa e Rodney Barreto, o cantor e trompetista Bobby Carcassés. Um verdadeiro encontro entre muitos músicos da nova geração com alguns veteranos, sob uma estrutura que valoriza o pensamento e a sensibilidade.

Além desses músicos, conhecemos um pouco do que pensam gente como o produtor e também músico Joaquim Betancourt, que reivindica, como vários de seus pares, a existência de um jazz cubano, que é tão diferente do jazz dos Estados Unidos quanto do latinjazz (o espectador poderá constatar isso no filme), e a jornalista Brenda Besada, de incrível conhecimento teórico, ou a musicóloga Neris González que, como outros, promove uma aproximação entre Brasil e Cuba. Ainda falam a também musicóloga Yentsy Pérez, que se refere ao pensamento insular dos cubanos, e a própria produtora do filme, Yoana Grass, que reafirma o compromisso com o acesso público à produção cultural da ilha. Isso reforça o caráter reflexivo do filme.

Vemos um outro mundo, com costumes muito diferentes dos nossos, apesar de alguns pontos de contato, e uma outra maneira de viver e encarar a vida, captado e sentido por uma equipe disposta a se abrir aos mais diversos encontros, cada qual com sua particularidade. Vemos, sobretudo, momentos de poesia, nunca a poesia preparada e calculada, mas a poesia que surge do acaso, do inesperado, de uma câmera ligada que observa impassível a vida passando.

Poético como o mar, que irrompe nas muradas revelando sua força em imagem, o mar que abre e fecha o filme da mesma forma que rodeia a ilha, o mar que traz renovação e volúpia, sonoridade e plasticidade, encanto e mistério. O mar que banha Cuba.

## **Gênese do Filme**

O LInC (Laboratório de Inteligência Coletiva) não é uma produtora tradicional de filmes e nunca teve como foco específico a produção de filmes para cinema. No entanto, tem a vocação de usar as mais diversas linguagens para investigar e discutir inteligência coletiva, modos de vida, processos de subjetivação, arquitetura dos laços sociais e formas de fazer comunicação como “ação em comum”. Viajar à Cuba, em 2014, com o objetivo de rodar um filme de jazz, seria interessante para estudar aspirações, desejos, tensões e disputas de sentido na Ilha, em face do mundo globalizado e da abertura que Cuba vinha experimentando naquele momento. O jazz, sendo um gênero musical que materializa a ideia de experimentação, por ter em seu princípio a improvisação e a ideia de liberdade, já se aproxima de questões trabalhadas pelo LInC: como encontrar, em qualquer regime, qualquer cidade e

qualquer país, linhas de fuga em relação às máquinas destruidoras da liberdade? A música toca diretamente nossos corpos, em toda parte, não só em Cuba. Claro que seria possível filmar em qualquer país, mas Cuba, como Brasil e EUA, é um reconhecido celeiro musical. Uma viagem ao país permitiria entrar em relação e estudar — quase antropológica e etnograficamente — sentidos e desejos de um povo, por meio de seus jovens músicos de jazz. Cabe lembrar que do imaginário socialista às simplificações conservadoras, que não hesitam em repetir o bordão caricato: “vai para Cuba!”, em reação a qualquer coisa que lhes pareça diferente do que pensam, a intenção era se desvencilhar dessas imagens, que o senso comum põe em jogo toda vez que se fala de Cuba.

Decidiu-se por uma viagem de três meses à Havana, levando apenas um pré-roteiro, totalmente aberto. Era uma investigação, um documentário em seu sentido mais ancestral e radical: não sair de casa com uma tese previamente definida. Adotou-se uma metodologia inspirada na etnografia, uma escuta aos acontecimentos, em ato. Interessava mais ouvir do que perguntar. Para isso, seria preciso conduzir o processo oferecendo-se, efetivamente, à relação. Mais do que entrevistas, realizaram-se encontros. Isso repercutiu profundamente nos resultados da captação: na atmosfera das falas, das reflexões, no brilho dos olhares. Não foram respostas a repórteres, na maioria das vezes foram verdadeiras conversas.

Fez-se uma pesquisa prévia para se decidir quem seriam os entrevistados, e a produtora Yoana Grass, como principal produtora do jazz em Cuba, com um repertório muito amplo de músicos jovens, ajudou a qualificar essa curadoria. Acrescentou-se à lista de músicos alguns pensadores, musicólogos e jornalistas. Houve também o acaso: havia dias em que a produtora avisava que teria algum show, perguntando sobre o interesse em filmar. Muitas passagens foram filmadas assim. O acaso foi muito importante no filme. Inclusive o maior deles: chegar no momento do anúncio da flexibilização das relações entre EUA e Cuba, feito pelos presidentes Obama e Raul Castro. Os cubanos sofriam com o embargo há mais de 50 anos e as filmagens se deram no exato momento em que tudo parecia mudar... Qual seria a leitura dos cubanos sobre o atual momento da Ilha depois de um bloqueio econômico de tantos anos? Os reconhecidos êxitos de Cuba na educação, na cultura e na saúde pública repercutiam nos sonhos e expectativas de jovens músicos de jazz? A improvisação típica do jazz, abundante nos espetáculos ao vivo em Havana, era parte do cotidiano dos cubanos?

## Linguagem

Analisando o *CubaJazz* de um ponto de vista estético, estrutural, ele é um documentário clássico, de entrevistas intercaladas por intervenções musicais e imagens de cobertura. Não há inovação estética, isso foi uma escolha consciente. A ruptura está no conteúdo do filme e em sua metodologia. Buscou-se uma cinematografia que articulasse encontros do espectador com realidades que se desvelassem aos poucos, e que apresentassem hipóteses instigantes para pensar a vida. Há uma espécie de fuga do senso comum, com o desejo de contar uma história sem julgamentos. Isso está em muitas passagens do filme, na cena da varredora de rua, por exemplo, que nasceu ao acaso. A equipe estava num restaurante e a câmera foi ligada, focando na janela que dava para rua. Uma aposta no acaso, pensada, é claro, como parte de uma estratégia metodológica, que aposta no imprevisível. O acaso fez o restante do trabalho que se tornou a cena mais emblemática do filme: uma atmosfera de realismo mágico na vida cubana, no jazz, na América Latina.

Em Cuba, o contraste arquitetônico do barroco europeu e do barroco latino-americano parece especialmente sensível. Em cidades europeias encontra-se, por exemplo, uma praça em que os edifícios barrocos estão unidos por uma específica harmonia estética e emocional. Quando observamos uma praça numa cidade latino-americana, edifícios de inspiração barroca convivem com o moderno ou com a natureza errante da estética dos trópicos. O curioso é que, de alguma forma, parecem compor um conjunto igualmente barroco, talvez pela carga de realidade e de emoção que carregam. Trata-se de uma questão para o cinema da América Latina: o barroco europeu parece eleger, em sua composição estética, uma coisa *ou* outra, enquanto o barroco latino-americano afirma uma coisa *e* outra; ele incrusta coisas, junta coisas que, em princípio, seria impossível amalgamar. De certa forma, a antropofagia da Semana de Arte Moderna brasileira, em 1922, fala disso, dessa nossa capacidade de incluir diferenças culturais, de devorá-las e de fazê-las nossas. De certa forma, é nesse lugar que o *CubaJazz* está estruturado esteticamente, sem a ambição de construir uma narrativa estética inovadora. Só foi possível fazer esse filme porque havia um *nós e eles* fazendo juntos. Fizemos “entre” nós, e esse nós são os brasileiros e os cubanos envolvidos na produção. O Yasek Manzano (um dos músicos do filme) fala que o jazz é como a música barroca, uma música produzida em ato, sem cifra. É esse tipo de barroco que atravessa a narrativa do *CubaJazz*.

## Mensagem

*CubaJazz* é um filme que trabalha na política dos afetos, mostrando como a música é potente para fazer ver os afetos, os modos pelos quais as pessoas afetam e são afetadas, e de como isso estrutura nossos jeitos de viver. Há uma fala do músico Chicoy, ao final do filme, que dá uma pista do que se viveu em Cuba. Ele diz: “a dificuldade está em todo lugar, por isso ela não existe. Se em toda parte há dificuldades, a dificuldade não existe, ela é a vida, o desafio que convoca a enfrentar as dificuldades”. E seu filho complementa: “estamos aqui, estamos vivos. O que mais pode acontecer?”. Diante de um povo que resiste há mais de 50 anos ao bloqueio desumano dos EUA, essa é maior mensagem do filme: a afirmação da vida.

## Tradução

Toda obra de arte traduz e inventa a vida. Todo enquadramento cinematográfico de uma experiência humana a interpreta. O *CubaJazz* não é exatamente o jazz cubano, mas uma interpretação, portanto, uma invenção desse jazz em certo sentido. Não uma invenção só nossa, da direção e do roteiro, mas uma invenção coletiva, feita pelos cubanos e pela equipe brasileira: um entre nós. Numa das exibições do *CubaJazz*, uma das curadoras do principal festival de jazz cubano, o Jazz Plaza, assistiu ao filme para o debate que se seguiria à exibição e ficou curiosa para saber, ao final, quem produziu. Surpreendeu-se ao descobrir que o filme era brasileiro. Trata-se de um indício de que a metodologia funcionou: criou-se um filme junto com seus personagens.

## Descarga

Desde o início da produção havia o desejo de se gravar uma “descarga”. Nos EUA e no resto do planeta essa instituição do mundo do jazz chama-se *jam session*. Uma *jam* não é nada mais do que um encontro não programado de músicos, que fazem música ali, de improviso, geralmente logo após os shows.

Em Cuba não é diferente. Ou melhor, é diferente porque é em Cuba. Lá, as descargas não acontecem somente depois das exibições. Acontecem sempre! Não são somente um encontro para tocar jazz. Como diz o saxofonista Carlos Miyares, “em Cuba as descargas são festas”. Elas refletem de maneira direta e espontânea

a generosidade musical cubana. São pura improvisação que, em Havana, não se dá apenas no jazz, mas acontece na vida cotidiana da cidade. Com o embargo econômico, eles foram obrigados a improvisar em absolutamente tudo. Filmar uma descarga foi mais uma maneira de perceber a cultura cubana e os músicos cubanos, que aceitaram o convite de fazer essa improvisação especialmente para a filmagem. Uma descarga genuína para celebrar a alegria e a liberdade do jazz e para acolher a equipe brasileira, que foi até lá contar essa história.

## O Roteiro

Pela primeira vez, com o *CubaJazz*, levamos a metodologia LInC ao cinema documental. Entrar em relação com as pessoas, os espaços e os tempos, que constituem as paisagens humanas e sociais que serão investigadas, é nuclear à metodologia do LInC e está presente também no *Cuba Jazz*.

A partir do propósito do trabalho — fazer um filme sobre modos de vida e políticas de existência por meio da nova cena do jazz cubano —, o que a equipe do *CubaJazz* fez, usando a metodologia do LInC, foi construir e ofertar um campo de escuta aos personagens do filme. Mais do que fazer perguntas sobre determinados temas, criou-se uma espécie de “campo de jogo” para conversar sobre como os nossos personagens pensam as coisas, mas também em como gostariam que elas fossem ou não fossem: vivências, ideias, fatos, percepções, concepções se misturam com os modos pelos quais interpretam e vivem aquilo que narram. Nas vezes em que essa atmosfera conversacional ganha intensidade, ela produz encontros, arquiteta laços entre entrevistados, entrevistadores, lugares e tempos que compõem o documentário. São nesses encontros que o LInC mergulha, voltando à tona com a matéria prima do filme.

Sem roteiro fechado, o que houve no *Cuba Jazz* foi propósito, curiosidades e estudos prévios, que definiram uma espécie de pré-roteiro, apenas um começo de conversa. Já havia um desejo que fermentava no LInC e foi ele que sustentou o tipo de oferta de diálogo feita aos músicos cubanos, na condição de estratégia de roteirização do filme. Vinha-se colocando em análise os sentidos do trabalho no Laboratório em relação ao turbulento contexto brasileiro e mundial, especialmente no campo das relações, dos afetos, das ações em comum (comunicação), dos modos pelos quais os indivíduos se afetam e são afetados pelo outro, nas dimensões ética,

estética e política. Essa reflexão era, ela mesma, uma dobra: seria útil, para pensar e situar-se no Brasil, ganhar alguma distância, habitar outro mundo, para então realizar algum tipo de inflexão e reterritorialização.

A experiência em Cuba, rapidamente, mostrou que a Ilha não cabe em esquematismos. De várias maneiras, cada um dos personagens do *CubaJazz*, com suas histórias singulares, fala dos modos de vida na Ilha e de como eles se expressam no jazz. Criação, liberdade e pluralidade de posições vêm à tona. O caráter híbrido de um gênero musical nascido nos EUA e sua realocação em Cuba expõem a mistura e a diferença como marcas da cultura cubana. Foram essas as dimensões que puseram o roteiro em movimento, e ele se adensou em ato, durante as filmagens, tendo os cubanos como verdadeiros coautores.

### **Desfecho: A Montagem da Inteligência Coletiva**

Depois da captação e de volta ao Brasil, o material foi decupado e foi gerada uma nuvem de Tag para parametrizar a presença das temáticas e das questões ao longo do filme. A partir da nuvem foi elaborado um diagrama, identificando os eixos temáticos das entrevistas. Como a lógica de que o mais falado é o mais importante pode ser somente um juízo de valor, a questão foi sempre compor os sinais fortes e os fracos para ver o que emerge da polissemia, deixando ver o campo de forças, a trama dos afetos envolvidos em tudo que foi captado. A diagramatização é uma marca da metodologia, faz parte da máquina de dobras do LInC. Aliás, foi realizada também uma cabine para convidados em São Paulo com o primeiro corte do filme, seguida de uma pesquisa qualitativa, acrescentando ainda mais essa dobra para colocar em análise a decupagem, a edição e a montagem.

Esse modo de fazer é uma espécie de estratégia para visualizar novas camadas interpretativas narrativas, e para recortar, na interpretação ilimitada das experiências, um campo de jogo, que ajuda nas escolhas da edição e nos fluxos da montagem. Enfim, não é por acaso que a inteligência é coletiva. Embora cada indivíduo tenha potencialidades cognitivas próprias da espécie, a inteligência deriva e se potencializa na alteridade, nas relações com o outro (todos os outros), até porque ninguém sabe tudo, todo mundo sabe um pouco e é no coletivo que os conhecimentos e os sentidos são produzidos e se resolvem. Se assim é, assim também foi no *CubaJazz*.